

Sexualidade e Geografia: Um tema emergente

Sexuality and Geography: An emerging theme

Sexualidad y Geografía: Un tema emergente

Antônio Ananias Nogueira Netto – antonio.netto@sou.unifal-mg.edu.br
Mestrando em Geografia da Universidade Federal de Alfenas-MG
Bolsista CAPES.

Resumo

O presente artigo irá discutir sobre a sexualidade como tema emergente dentro das análises e pesquisas geográficas. Nesse sentido, ao longo do texto, demonstraremos a importância dos estudos e análises geográficas para o entendimento das sexualidades e como ocorre essa ocupação no espaço. A geografia enquanto ciência, possibilita estudar as dinâmicas sociais e como elas são inseridas no espaço, no que tange a comunidade LGBTQIA+, esses espaços acabam sendo negados, ou quando dentro deles, acabam sendo invisibilizados. A partir desses pressupostos, busca-se demonstrar a relevância dos estudos à respeito da sexualidade no viés geográfico.

Palavras-chave: Sexualidade, Geografia, LGBTQIA+, Espaço, Território.

Abstract

This paper will discuss sexuality as an emerging theme within geographic analyses and research. In this sense, throughout the text, we will demonstrate the importance of studies and geographic analyses for the understanding of sexualities and how this occupation occurs in space. Geography as a science makes it possible to study social dynamics and how they are inserted into space, as far as the LGBTQIA community is, these spaces end up being denied, or when within them, they end up being invisible. Based on these assumptions, we seek to demonstrate the relevance of studies on sexuality in geographic bias.

Key words: Sexuality, Geography, LGBTQIA+, Space, Territory.

Resumen

Este artículo discutirá la sexualidad como un tema emergente dentro del análisis y la investigación geográfica. En este sentido, a lo largo del texto, demostraremos la importancia de los estudios y análisis geográficos para la comprensión de las sexualidades y cómo se da esta ocupación en el espacio. La geografía como ciencia, permite estudiar las dinámicas sociales y cómo estas se insertan en el espacio, en lo que respecta a la comunidad LGBTQIA+, estos espacios terminan siendo negados, o cuando dentro de ellos, terminan siendo invisibilizados. Con base en estos supuestos, buscamos demostrar la relevancia de los estudios sobre sexualidad en términos geográficos.

Palabras clave: Sexualidad, Geografía, LGBTQIA+, Espacio, Territorio.

Recebido em: 20/07/2022

Aceito: 19/09/2022

Publicado: 03/10/2022

Introdução

Inseridos num contexto histórico de mudanças de paradigmas de acordo com Prado (2017), dentro da geografia, temas emergentes vão se tornando cada vez mais recorrente. A sexualidade analisada através do viés geográfico, visa contribuir no entendimento dessas relações projetadas no principal objeto de estudo da geografia, o espaço. No atual contexto político-social muitas questões, problemáticas e desafios acerca das questões de gênero e sexualidade estão em ascensão. As desigualdades de gênero e sexualidade estão enraizadas em nossa sociedade, sendo problemas estruturais, muitas vezes causados pelo modo de produção capitalista, o sistema neoliberal e o sistema patriarcal, além de estereótipos sociais aliados às questões étnico-raciais. O espaço, as espacialidades, o território e suas territorialidades são conceitos que nos auxiliam a compreender a desigualdade e desenvolver soluções nos debates acerca de tais problemáticas.

Partiu-se do pressuposto que existem dificuldades para a população LGBTQI+ se inserir e produzir espaço, ele em sua totalidade, muitas vezes enfrentando contra-espacos (FELICIANO, 2003) como forças e ações neoliberais, capitalistas e patriarcais, além do machismo estrutural. Entender a dinâmica espacial dessa população, e principalmente, o corpo como espaço e território é uma tarefa crucial no contexto no qual estamos inseridos. Sendo a geografia, a principal referência nos estudos da dinâmica espacial e territorial, é necessário que a ciência geográfica e os geógrafos (as) se comprometam com estudos das questões de gênero e sexualidade.

O presente artigo tem como principal objetivo discutir sobre os avanços da geografia em relação aos estudos sobre a sexualidade. No decorrer do presente artigo, serão introduzidas as principais pesquisas atuais à respeito do tema em questão, demonstrando a importância das análises geográficas nos estudos de gênero e sexualidade.

Geografia das (R)existências e Resistências

Atualmente é possível observar uma crescente em relação a trabalhos e produções acadêmicas a respeito da geografia das (r)existências e resistências. Pensar a ciência geográfica através desse viés é entender as complexas relações que são estabelecidas no espaço geográfico, tanto no campo imaterial como material. Nesse processo, criam-se novos espaços de resistência. De acordo com Pereira (2017) a resistência não apenas utiliza o espaço, mas produz seu próprio espaço, como mencionado pelo autor, suas geografias. Essa afirmação fica evidente pelo autor mencionado Pereira (2017):

A resistência não apenas usa, utiliza, recorre a espaços existentes, mas esta produz seus próprios espaços, suas geografias, assim como a geografia produz ou possibilita diferentes formas de resistências, à medida que estas não podem prescindir de espaços para ocorrerem, permanecerem e obterem algum êxito em relação antagônica às formas de dominação que também produzem, usam e se materializam em espaços geográficos específicos. (PEREIRA, 2017, p.8)

Para pensarmos a geografia das r(e)existências e resistências, devemos entender as relações da tríade: poder, espaço e resistência. Como dito por Raffestin (1993) em “Por uma Geografia do Poder”, todas as relações sociais possuem relações de poder, essa são materializadas tanto no espaço material e imaterial, conceito utilizado por Santos (1996). O espaço geográfico, entendido no contexto atual, modificado pelas ações antrópicas é lido como fruto dessas relações, que determina e impõe o poder sobre corpos no viés espacial e territorial, e sobre o próprio espaço geográfico.

Existe uma relação muito forte entre o conceito de corpo-território e a geografia das (r)existências e resistências. Uma outra característica relacionada a esta temática são os processos decoloniais, que são refletidos e materializados no espaço geográfico. Como mencionado por Haesbaert (2021) a decoloneidade traz uma crítica a colonialidade do poder. Nesse sentido, o conceito de corpo-território e a geografia, pode contribuir para entendermos a espacialização e territorialização de indivíduos, grupos, no espaço geográfico, contido de desigualdades. Essas desigualdades, são refletidas nos corpos LGBTQIA+ - visto que é o objeto de pesquisa do autor – através de mortes, do próprio poder, do patriarcado, e do machismo estrutural vigente na nossa sociedade.

Sexualidade e Geografia: um tema emergente

Para compreendermos os temas emergentes relacionados à geografia, devemos entender o processo histórico pelo qual a própria ciência perpassa nas últimas décadas. Dado em um contexto de crise epistemológica, a geografia crítica começa a ganhar certo espaço nas leituras espaciais. Houve-se um momento de ruptura como mencionado por Santos (1978) em seu livro “Por uma Nova Geografia”. Nesse contexto, o marxismo e o materialismo histórico e dialético como método ganha maior ênfase nas análises geográficas. De acordo com Quaini (1979) em seu livro “Marxismo e Geografia”, o marxismo instaura uma nova relação entre sociedade e natureza, cujos processos são visíveis no espaço culminando outras formas de pensar e fazer geografia.

Os debates sobre gênero e sexualidade são assuntos que vêm tomando grandes ênfases na contemporaneidade. Baseando-nos nos pressupostos de Margarida (1990), consideramos que a Geografia adere seus estudos sobre gênero e sexualidade a partir dos anos 1980, com o apoio da Geografia Crítica. “As discussões sobre gênero, sexualidade e espacialidade podem ser um interessante caminho para que levantemos nossos olhos de nosso pequeno mundo, para este grande, rico e complexo mundo” (ORNAT, p.2, 2008). O debate político e acadêmico sobre sexualidade e gênero está ganhando cada vez mais espaços nas ciências. O gênero e a sexualidade conseguem também explicar o modo em que nossa sociedade se organiza. “Embora a Geografia incorpore com atraso as abordagens de gênero e sexualidade, sua expansão e aceitação tem sido rápida, porque o conceito de gênero permite compreender as relações sociais, especificamente, como os sexos contribuem para reprodução social” (LOPES, p.13, 2015). Para entender as questões referentes a gênero e sexualidade é necessário compreender suas complexidades e suas características. Os espaços e os territórios, possuem características indenitárias, contendo assim desigualdades que são estruturais devido à um sistema que contempla apenas um modelo hegemônico no qual a população LGBTQIA+ vive marginalizada nesse processo.

De acordo com Rosa et al. (2008) a Geografia hegemônica é marcada por uma série de privilégios estruturais de sexo, de raça e gênero que dificultaram a expressão das espacialidades dos grupos das mulheres, de negros (as) e dos (as)

que não se encaixam na ordem heterossexual. Dentre os avanços nas temáticas que englobam a geografia, o gênero e a sexualidade vêm ocupando grande destaque dentro das academias fora e dentro do contexto brasileiro. Pode-se inferir de acordo com Silva (2014) que a geografia consegue discutir tais temáticas pois a sexualidade e o gênero se inserem no espaço:

Saber o que é ou não tema passível de ser estudado pela Geografia depende da concepção de ciência que se estabelece por aqueles que possuem o poder de ditar as regras do jogo científico. Para alguns, a Geografia possui um objeto próprio, já dado e construído. Para outros, a identidade da pesquisa com a Geografia se realiza a partir de uma pergunta que se faz à realidade, envolvendo categorias geográficas como espaço, lugar, paisagem, região, território e escala. Portanto, se todas as experiências vividas pelas pessoas possuem uma dimensão espacial e as pessoas experienciam no mundo como seus corpos e seus corpos estão organizados socialmente pelo gênero, podemos afirmar que compreender as formas como homens e mulheres experienciam a vida e, por consequência, o espaço, é com toda a certeza profundamente geográfica. (SILVA, 2014, p. 98).

Entendendo o processo de construção do pensamento geográfico, podemos relacionar tal construção histórica do pensamento com os temas emergentes que começam a se consolidar no final do século XX e início do século XXI. De acordo com Ornat (2008), a sexualidade como tema emergente dentro da ciência geográfica é construída em seu berço pela chamada Geografia Feminista:

Essas reflexões têm se colocado dentro de um corpo de discussão em que as principais influências estão localizadas nos trabalhos de Simone de Beauvoir, Michel Foucault, Teresa de Lauretis, Judith Butler, Donna Haraway, e mais especificamente na Geografia, nos trabalhos realizados por geógrafas/os como Davis Bell, John Binnie, Gill Valentine, Nancy Duncan, Richard Phillips, Peter Jackson, Linda McDowell, Gillian Rose, entre outros. (ORNAT, p. 311, 2008)

Parte-se do pressuposto que a geografia está em todos os lugares, visto que é uma ciência cujo seu principal objetivo é entender as dinâmicas sociais, refletidas no espaço, e suas relações com a natureza. As discussões acerca da sexualidade, gênero e espaço, inicia-se na década de 1970, de acordo com Ornat (2008), tanto nos Estados Unidos como na Inglaterra, desde essa década, tem se consolidado um campo teórico dentro da geografia que estuda tais problemáticas, a Geografia Feminista, citada anteriormente.

Baseado nos pressupostos de Ornat (2008), o espaço é um elemento primordial enquanto reflexo, meio e condição do gênero e da sexualidade. Quando pensamos no espaço imaterial, onde também estão projetadas e materializadas as relações sociais, podemos identificar uma estrutura heteronormativa que condiciona as espacialidades e territorialidades de indivíduos LGBTQIA+. As espacialidades destes sujeitos colocam-se em contraste a heterossexualidade que ocupa o espaço vigente (no campo imaterial), até então invisível (VALENTINE, 1993). Quando pensamos na sexualidade, devemos entender que ela vai além de um fato (MCDOWELL, 2003), ela é elaborada socialmente e culturalmente, construindo espaços no campo material e imaterial que determina sua existência.

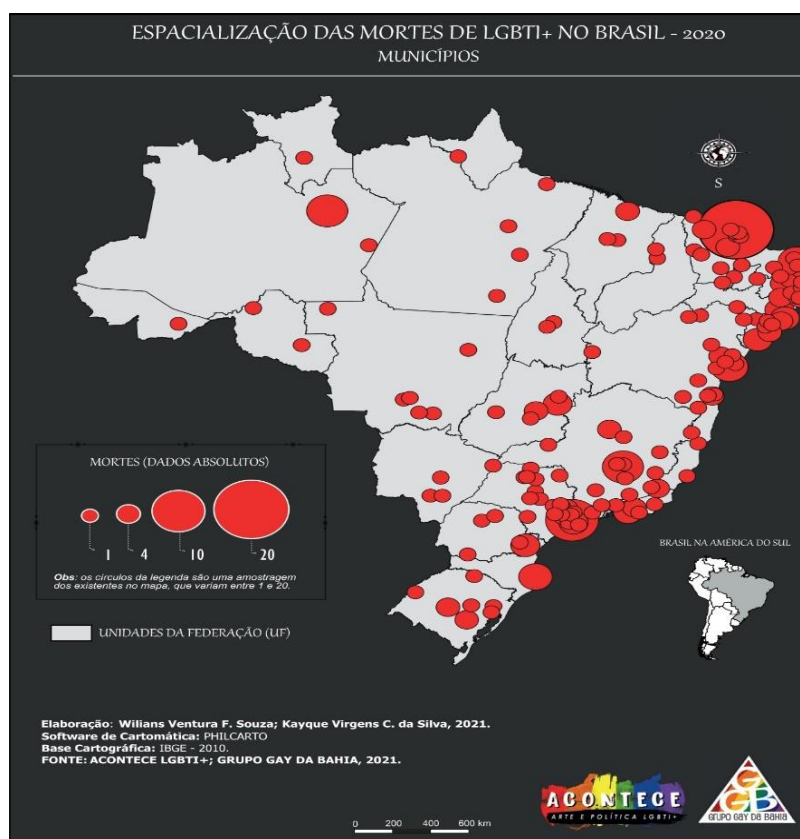
O espaço, de acordo com Correa et al (1995) é produzido por agentes sociais, ou seja, a própria comunidade LGBTQI+ produz e reorganiza espaços, indo do local ao global. Aqui podemos mencionar os grupos sociais ou movimentos sociais locais e globais que tem no gênero e na sexualidade, o alicerce de suas lutas, tais como: Grupo Gay da Bahia (GGB) até mesmo a Parada do Orgulho LGBTQIA+ de São Paulo que possui alcance mundial. Claval (1999) discorre sobre o território e para ele, tal conceito, resulta da apropriação coletiva de um grupo, e aqui, podemos relacionar com Hasbeart (2014) quando o autor diz que o território é um espaço geográfico dominado e/ou apropriado. Ou seja, as relações sociais dos indivíduos e a ocupação do espaço, é uma forma de se inserir no espaço e no território, sendo também seus corpos frutos da espacialização e da territorialização dos indivíduos LGBTQIA+.

Baseado nos pressupostos de Mondaro (2009) o corpo é o “primeiro” território onde se concretiza as relações sociais e assim, ocorre o controle e dominação de indivíduos e conseqüentemente de grupos sociais, como a comunidade LGBTQI+. Com essa afirmativa, é possível relacionar com o que Hasbaert (2004) discute, sendo o território e suas territorialidades a materialização do poder concreto, ou seja, o corpo e sua ocupação nos territórios e espaço demonstram relações de poder implícitas no convívio social. É nesse sentido, que corpos produzem e são seus espaços e suas espacialidades e assim, território e territorialidades.

Sexualidade e Geografia: avanços nas pesquisas.

Como tema emergente dentro da geografia brasileira, a sexualidade enquanto objeto de pesquisa vem ocupando cada vez mais espaço dentro das análises espaciais. Um dos principais subtemas dentro da sexualidade, é a morte de indivíduos LGBTQIA+ pela própria LGBTQIAfobia. Tal problemática se materializa no espaço geográfico, e muitos trabalhos vem sido construídos nessa perspectiva de análise. Um dos documentos o qual, utilizou-se como base para a presente análise são os Relatórios Anuais de Mortes LGBTQIA+. No presente relatório é representado através de mapas, a espacialização dessas mortes, o que pode nos auxilia a entender o contexto histórico e social os quais estamos inseridos.

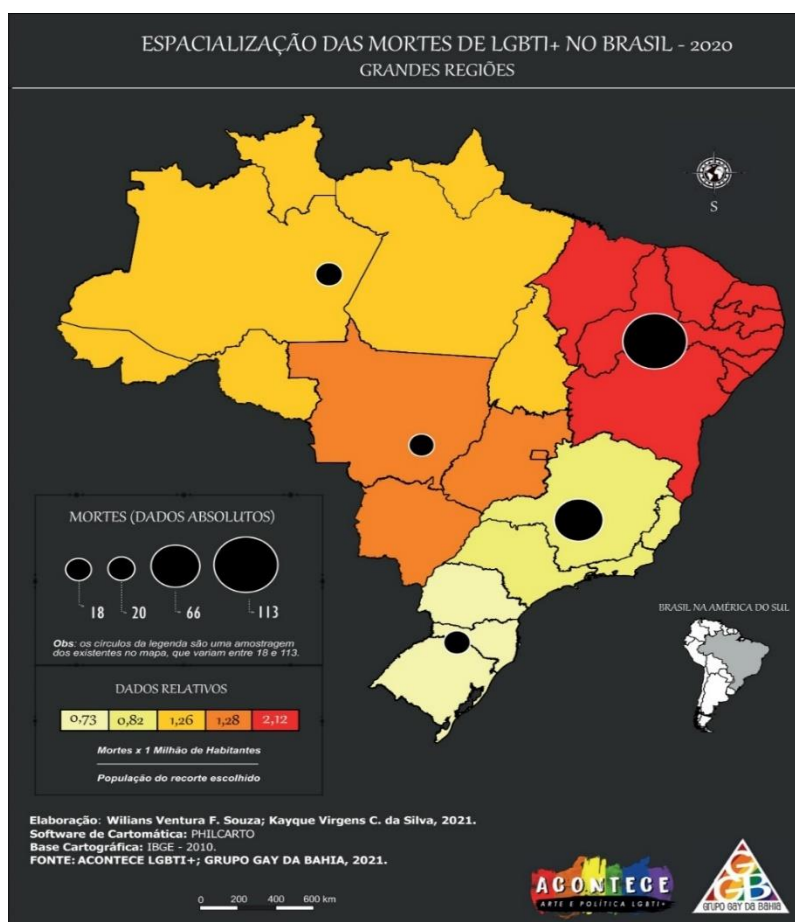
Para demonstrarmos a importância e relevância dos estudos da sexualidade, da geografia das (r)existências e resistências, e do próprio conceito de corpo-território, este tópico irá demonstrar através de mapas as mortes violentas no Brasil provocadas em corpos LGBTQIA+. A coleta desses dados foi organizada pelo Grupo gay da Bahia (GGB), numa amostra do ano de 2020. O primeiro mapa irá espacializar as mortes de LGBTQIA+ por municípios brasileiros no ano de 2020. Os números de mortes vão de 1 a 20 por município, ou seja, acumula-se um total de 237 mortes violentas (registradas) de indivíduos LGBTQIA+ no Brasil no ano de 2020.



Mapa 1 - Espacialização de mortes de LGBTQIA+ por municípios.

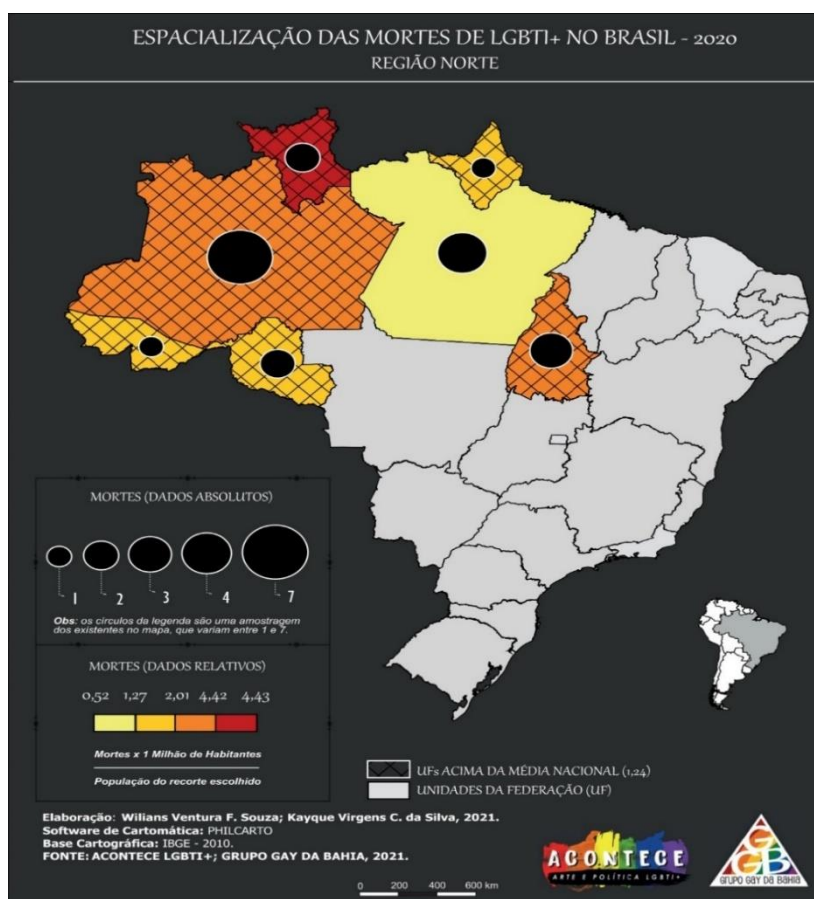
Fonte: Willians Ventura F. Souza; Kayque Virgens C. Da Silva, 2021

É possível observar no mapa acima, que a região nordeste concentra um grande número de mortes, seguindo da região sudeste. Esses dados nos mostram detalhes importantes, a faixa litorânea que condensa a maior parte da população brasileira é onde se concentra o maior número de mortes violentas. Quando relacionado ao conceito de corpo-território, podemos entender que são nessas regiões onde essas relações de poder são mais influentes, corpos LGBTQIA+ correm maior risco em detrimento dessas relações existente nas relações sociais. A subjetividade e a individualidade de cada corpo e sua ocupação no espaço, reflete diretamente como esses corpos se reproduzem em territórios de existência, visto que os territórios como determinado pelo Estado e pelo próprio ser humano, possui tais problemáticas visíveis no mapa 1.



Mapa 2 - Espacialização de mortes de LGTBQIA+ pelas grandes regiões.
Fonte: Willians Ventura F. Souza; Kayque Virgens C. Da Silva, 2021.

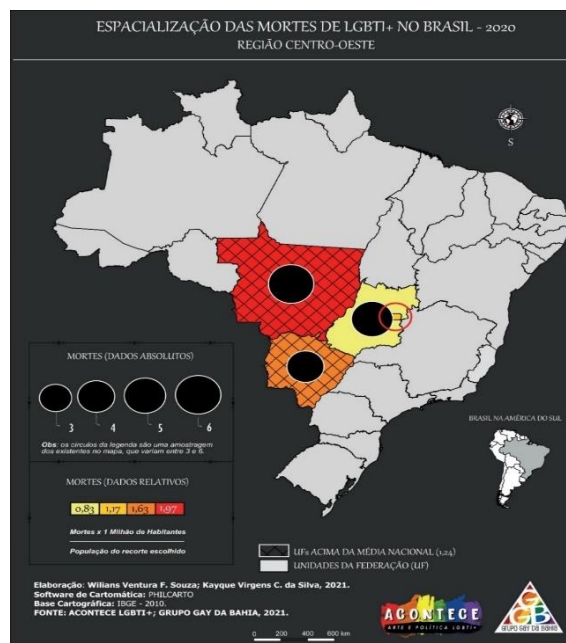
Em relação as 5 grandes regiões instituídas pelo IBGE, mostra-se uma concentração de mortes violentas na região nordeste brasileira. Entendendo através do conceito de corpo-território, tais dados mostram como o corpo é demarcado por identidades, políticas, ações, manifestações, que determinam a existência desses corpos LGTBQIA+. Sua ocupação e sua inserção nesses territórios podem culminar nesses dados mostrados no mapa acima. Desse modo, entendemos que o corpo enquanto primeiro território, é concebido pelas relações de poderes que determinam sua existência. Ou seja, o corpo enquanto um território, acaba-se por ser, um território de resistência e (r)existência.



Mapa 3 - Espacialização de mortes de LGBTQIA+ na região norte.
 Fonte: Willians Ventura F. Souza; Kayque Virgens C. Da Silva, 2021.

O mapa 3, como mostra no mapa acima, representa a espacialização de mortes violentas na região norte. Um dado importante e que deve ser levado em consideração, é que essa região possui mortes acima da média nacional, e pode ser motivado por diversos fatores, um deles, é a própria individualidade e ocupação dos sujeitos em espaços heteronormativos.

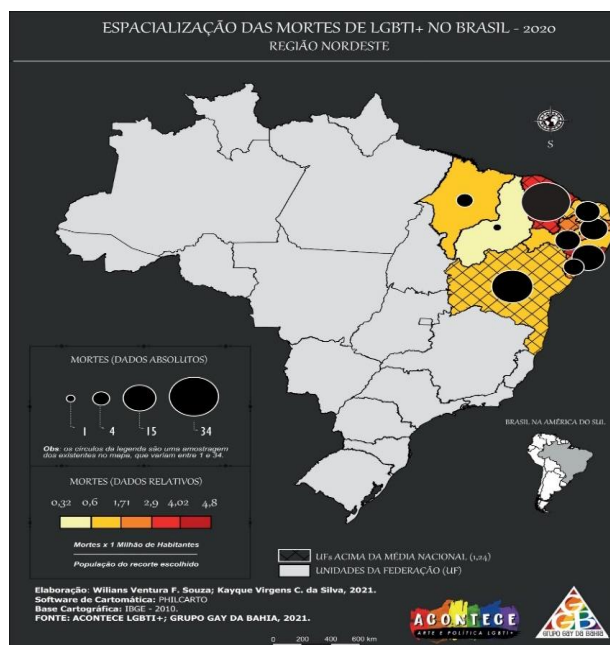
A partir desse mapa, o autor começa a materializar essa espacialização através da cartografia pelas grandes regiões brasileiras. Pode-se perceber que a geografia pode possuir um papel muito importante quando pensamos nas questões de gênero e sexualidade e os debates atuais acerca dos temas citados. A utilização dessas informações trazidas pelos mapas, pode facilitar a compreensão desse contexto brasileiro e os possíveis motivos de tais mortes já evidenciadas.



Mapa 4 - Espacialização de mortes de LGBTQIA+ em 2020 na região centro-oeste.

Fonte: Willians Ventura F. Souza; Kayque Virgens C. Da Silva, 2021.

A região centro-oeste brasileira, também é marcada por dados que estão acima da média nacional no ano de 2020. Os territórios materiais, relacionado ao Estado são demarcados por essas relações de poder, que influenciam o primeiro território (HASBEART, 2021) – o corpo – e determinam como, quando e onde esses sujeitos ocupam o espaço.

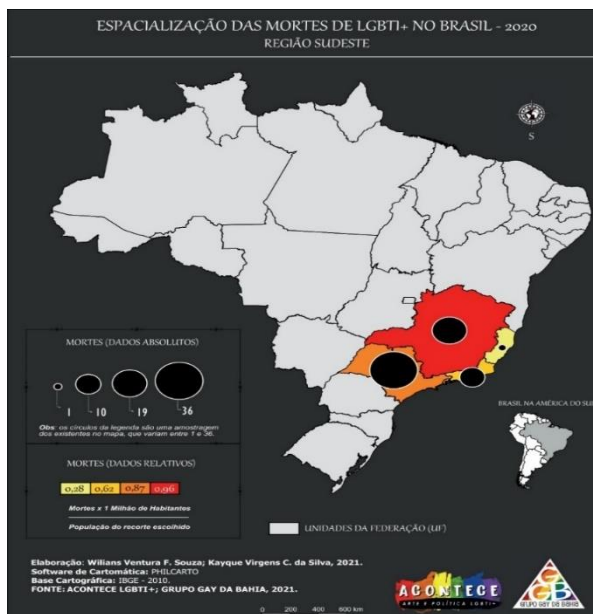


Mapa 5 - Espacialização de mortes de LGBTQIA+ em 2020 na região nordeste.

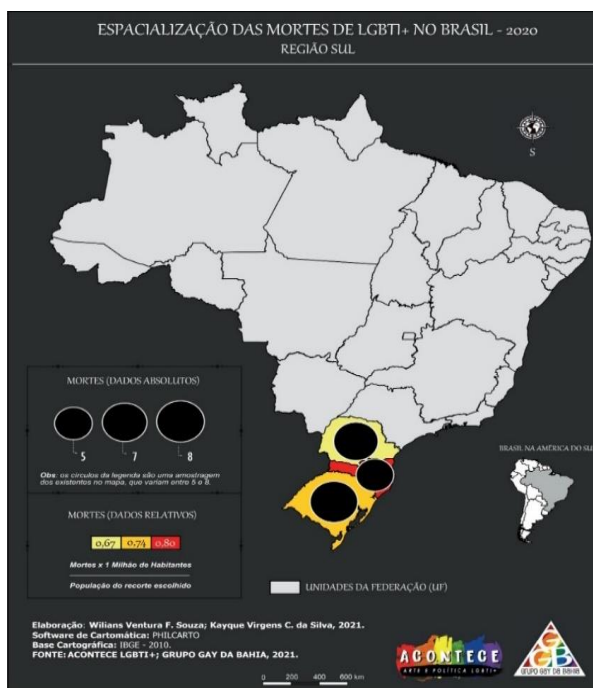
Fonte: Willians Ventura F. Souza; Kayque Virgens C. Da Silva, 2021.

NETTO, Antônio Ananias Nogueira. Sexualidade e Geografia: Um tema emergente. **Boletim Alfenense de Geografia**. Alfnas. v. 2, n.4, p. 158-172, 2022. ISSN: 2764-1422. DOI: <https://doi.org/10.29327/243949.2.4->

É possível perceber através dos mapas que a região nordeste concentrou o maior número de mortes violentas em pessoas LGBTQIA+ no ano de 2020. Seguido das regiões sudeste e sul, demonstradas nos mapas abaixo:



Mapa 6 - Espacialização de mortes de LGBTQIA+ em 2020 na região sudeste.
Fonte: Willians Ventura F. Souza; Kayque Virgens C. Da Silva, 2021.



Mapa 7 - Espacialização de mortes de LGBTQIA+ em 2020 na região sul.
Fonte: Willians Ventura F. Souza; Kayque Virgens C. Da Silva, 2021.

Apesar de concentrar um grande número de mortes, as regiões sul e sudeste não estão acima da média nacional de mortes violentas. Uma questão

importante que se deve mencionar é que essa região concentra a maior parte da população brasileira e isso determina direto na ocupação dos corpos e na existência desse território-corpo. Visto que a ocupação dos espaços ocorre de forma desigual, e o próprio corpo enquanto território é invadido – como demonstra os dados nos mapas acima – podemos entender e enxergar o conceito de corpo-território através das leituras dos mapas acima.

Corpo-Território

O neoliberalismo é um sistema de poder (LAVAL, 2018) que molda e configura nossa sociedade e aliado a força do patriarcado (LERNER, 2019) na sociedade contemporânea, impõe seu poder sobre corpos e sobre a existência de tais. Nesse contexto, muitos indivíduos da comunidade LGBTQIA+ ficam à beira da marginalização, envolvendo outros problemas sociais, tais como: alta taxa de desemprego, debilitação no sistema educacional Básico e Superior, acesso à saúde de modo precarizado, acesso à cidade limitado e falta de moradias regulares, principalmente no que tange a comunidade LGBTQIA+ que vive nas periferias brasileiras.

A dinâmica que caracteriza o território é marcada por diversos processos os quais são passíveis de estudos e análises. A partir desses entendimentos, o conceito de corpo-território (HASBEART, 2021) torna-se central para entendermos como cada indivíduo se insere no espaço geográfico e como sua existência determina o seu próprio território, o território simbólico como dito por Haesbaert (2007). O entendimento sobre território nesse contexto vai muito além da simples delimitação de escala ou a lógica estatal do território, aqui se insere no direito e defesa da vida e da existência.

De acordo com Haesbaert (2021) o conceito de corpo-território vai além do território físico, está no campo imaterial, das ideias, das identidades. Tais motivos influenciaram a entender como o conceito de corpo-território se insere na realidade desses indivíduos, a partir de suas (r)existências. Nesse processo, a geografia das (r)existências e das resistências, pode auxiliar na problemática acerca desses corpos como mencionado anteriormente.

Considerações Finais

Estamos inseridos em um contexto onde mudanças no aspecto social, cultural e histórico estão cada vez mais se materializando no espaço geográfico. A sexualidade e o gênero vêm ganhando cada vez mais espaço nos debates, congressos, e pesquisas no âmbito da geografia. Por ser um tema emergente dentro da ciência geográfica brasileira, pouco material é encontrado a respeito, onde a busca acaba sendo pautada na geografia norte-americana e inglesa, o que torna ainda mais desafiador. As contribuições dos debates acerca de tais problemáticas, contribui não somente dentro do âmbito acadêmico onde materiais são produzidos, mas também no contexto social, onde a utilização das informações pode amenizar os efeitos da estrutura patriarcal e machista na qual estamos inseridos.

Referências

CLAVAL, Paul. **O território na transição da pós-modernidade**. GEOgraphia – Ano 1 – No2 – 1999

CORREA, L, R.; CASTRO, I.; GOMES, P. **Geografia, Conceitos e Temas**, 910 G345 8.ed. 1995

FOCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979

HAESBAERT, Rogério. **Território e Descolonialidade. Sobre o giro (multi)territorial/de(s)colonial na América Latina**. CLACSO ; Niterói : Programa de Pós-Graduação em Geografia ; Universidade Federal Fluminense, 2021

HAESBAERT, Rogério; LIMONAD, Ester. **O território em tempos de globalização**. Revista espaço, tempo e crítica. n.2 (4), vol. 1, 15 de agosto de 2007

HASBAERT, Rogerio. Territórios em disputa: desafios da logica espacial zonal na luta política. Edição especial do XXI ENGA-2012, p. 1-17, jun., 2014

LAVAL, Christian. **Bolsonaro e o momento do hiperautoritario do neoliberalismo**. Blog BoinoTempo. 29/10/2018.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado. História de opressão das mulheres pelos homens**. Editora Pensamento-Cultrix Ltda, 2019

LOPES, Máira **Estudos de gênero na geografia: uma análise feminista da produção do espaço**, Rio de Janeiro, dez 2015.

- MARGARIDA, Isabel **O gênero em Geografia: introdução ao novo tema** vol. 25 n.º 50, Lisboa, 1990
- MCDOWELL, Linda. **Doing Gender: Feminism, feminists and research methods in human geog-raphy.** In: **Transaction on the Institute of British Geographers**, 1992, vol. 17, nº 4, p. 399-416
- MONDARO, L. Marcos. O corpo enquanto “primeiro” território de dominação: o biopoder e a sociedade de controle. UFGD, 2009
- ORNAT, Marcio **Sobre espaço, gênero, sexualidade e geografia feminista** Ponta Grossa, jul./dez 2008
- PEREIRA, Edir. **Resistência descolonial: estratégias e táticas territoriais.** UFPA - Campus Cametá 2017
- PRADO, Claudio. **Ministério da Felicidade, Drone e a porraloquice do século 21.** Disponível em: <<https://midianinja.org/claudio Prado/ministerio-da-felicidade-drone-e-a-porraloquice-do-seculo-21/>> Acesso em: 28/04/2022
- QUAINI, Massimo. **Marxismo e Geografia.** Rio de Janeiro, 1979
- RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do poder.** São Paulo: Ática, 1993.
- ROSA, Murilo; MARINHO, Mariele; CARNEIRO, Jañaine. **As contribuições do estudo de gênero e sexualidade para a geografia.** 2008
- SANTOS, M. **A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção** Editora da Universidade de São Paulo, 1996.
- SANTOS, Milton. **Por uma geografia nova.** 1978
- SILVA, M. J. **Ensino de Geografia: novos temas para Geografia escolar. Rio de janeiro: Consequência,** 2014. 127 p.
- SOUZA, L, M. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial** Editora Bertrand Brasil.ed. 2015
- VALENTINE, Gill. **(Hetero)sexing space: lesbian perceptions and experiences of everyday spaces.** In: **Environment and Planning D: Society and Space**, 1993, vol. 11, p. 395-413